

teologia uma razão teológica heterónoma. Testemunha a alteridade, a transcendência, a indisponibilidade que advém, tenta *re-velar* (*des*)*velando* o rosto do Outro, e tenta contrariar a razão emancipadora da modernidade⁶³. A partir da história da apocalíptica hebraico-cristã do primeiro século, é possível desenvolver autonomamente alguns conceitos cristãos tais como a mediação entre Deus e o homem, a ressurreição, a inspiração e a interpretação das Escrituras, a salvação, a *re-velação* de Deus⁶⁴. A apocalíptica cristã, que continua sob certos aspectos a apocalíptica judaica, determina que os eventos do fim não são mais eventos meramente do futuro, mas esse fim inaugurou-se na pessoa do Cristo de Nazaré. Neste sentido, a apocalíptica cristã distancia-se de qualquer antecipação visionária, mas proclama uma salvação definitiva. Esta poderá ser a teologia apocalíptica na pós-modernidade⁶⁵.

JOSÉ CARLOS CARVALHO
jcarvalho@porto.ucp.pt

⁶³ Cf. Guido VERGAUWEN, *Faire la théologie aujourd'hui. Le catholicisme en condition post-moderne*. In Pierre GISEL – Patrick EVRARD (ed.), *La Théologie en Postmodernité*, Genève 1996, 244.

⁶⁴ Cf. E. NORELLI, "Apocalittica: come pensarne lo sviluppo?", *Rich.Stor.Bibl* 7: 2 (1995) 175. Há que atentar igualmente ao reequacionamento da questão do tempo, visto na fé apocalíptica como tempo sigiloso, como tempo *primeiro* (*reshît*), *oriental* (*qaedam*) e *futuro* (*aharit*), como tempo de ruptura inacabado para seu acabamento, e por isso mesmo tempo de sabedoria e de apocalíptica. Para uma leitura do tempo judeo-cristão como tempo marcado por um *Geheimnis* que o qualifica como um *Zeitenwende* (tempo de mudança) ver: K. KOCH, *Das Geheimnis der Zeit in Weisheit und Apokalypik um die Zeitenwende*. In Florentino GARCÍA MARTÍNEZ (ed.), *Wisdom and Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls and in the Biblical Tradition*, [= BETL 168], Leuven 2003, 37.66. Este é o tempo τὰ ἐσόμενα ἐπὶ ἑσχατῶν τῶν ἡμερῶν μετὰ ταῦτα e do μυστηρίου (cf. Dan 2,29.45 LXX; 2,29 Theodocião; Ap 1,19) apocalíptico: cf. G. K. BEALE, "The Interpretative Problem of Rev. 1:19", *NovT* 34 (1992) 365; IDEM, *John's Use of the Old Testament in Revelation*, [= JSNTSS 166], Sheffield 1998, 170.

⁶⁵ Cf. A. PAUL, "De l'apocalyptique à la théologie", *RSR* 80 (1992) 186.

Pentecostalismo católico

Naquele dia de Pentecostes, os discípulos de Jesus tinham-se reunido, discreta e timidamente, para rezar. Aquele em quem tinham confiado tinha sido morto: a fé em Jesus e a esperança na sua ressurreição estava periclitante.

De repente, os seus temores são varridos por uma forte rajada de vento e vêm renovadas as suas expectativas por umas línguas de fogo que descem sobre eles. Saem para a praça pública para anunciar em todas as línguas Jesus ressuscitado, chamar à conversão e ao baptismo e até a curar os doentes.

Assim deu o E.S. início à Igreja.

Facto lendário?

Sabemos que não!

Acontecimento único?

Talvez assim pudessemos pensar se, nestes nossos tempos, em pleno século ateu, materialista e racionalista não se estivesse a produzir facto semelhante. Milhões de pessoas que se têm sentido transformadas e animadas por uma alegria interior, fortalecidas por uma fé capaz de tudo ultrapassar. Pessoas essas que dizem e testemunham que receberam o Espírito Santo, se põem a rezar horas a fio, a dar graças, balbuciando por vezes palavras incompreensíveis e harmoniosas (é o que se chama "rezar em línguas" ou glossolalia) e a saborear a S. Escritura com toda a ternura. Pessoas capazes de sair à rua para anunciar Jesus Cristo, oportuna e importunamente. Pessoas que se sentem impulsionadas a orar pelos doentes para obter a cura.

Alguns, levados pela necessidade de uma vivência mais radical agrupam-se em verdadeiras comunidades de vida, tentando reproduzir, hoje, o relato dos Actos dos Apóstolos.

Falamos do Renovamento Carismático Católico ou também, como às vezes é chamado, Renovação Carismática.

Costuma situar-se os começos do Renovamento em 1967, nos Estados Unidos. Tudo começou num reitor para estudantes universitários, na Universidade de Duquesne em Pittsburgh (Pensilvânia) em Fevereiro. Os estudantes passaram o fim de semana em oração, pedindo a Deus que os deixasse experimentar a graça recebida através do Baptismo e da Confirmação. Na noite de sábado desse fim de semana algo aconteceu que modificou os planos desse retiro. Tinham programada a celebração do aniversário de vários membros do grupo.

Um par de noivos tinham ouvido falar da efusão do Espírito e pediram a um pentecostal que rezasse por eles, para que o Espírito Santo enchesse plenamente as suas vidas. Retiraram-se e tendo-lhes sido impostas as mãos receberam uma profunda impressão da presença do Espírito Santo. Tendo voltado ao grupo nada contaram do que tinha sucedido. Mas a celebração do aniversário não aconteceu. Havia ali uma força poderosa que alterava os planos. Sentiram-se atraídos para a capela, como se alguém os empurrasse. E, ali, o Espírito Santo tocou muitos daqueles jovens: uns começaram a louvar a Deus em línguas estranhas, outros choravam de alegria, outros rezavam e cantavam.

Eis um relato de um dos participantes: “Uns sentiram que o amor de Deus por eles era tão intenso, que não podiam senão chorar; outros sentiram um calor intenso a passar, como fogo, pelos seus braços e pelas suas mãos; outros sentiam ruídos na garganta e formigueiros na língua, outros falam de louvores gozozos que saíam dos seus lábios, de um encontro pessoal com Jesus como Senhor, de júbilo e de alegria intensa, da presença do Espírito como um fogo devorador, de ânsias de oração e de ler a palavra de Deus”. Numa palavra uma poderosa e transformadora experiência de Deus, que passou a ser conhecida como “Baptismo no Espírito”:

O relato do que ali se passou e da experiência que tiveram rapidamente se espalhou para os estudantes e depois para as outras universidades. Em poucos dias essa experiência extrapolou as universidades atingindo paróquias e outras instituições católicas.

E quase por encanto essa experiência da presença do Espírito Santo e da sua acção poderosa transportou-se um pouco a todo o mundo. Na expressão do P. Gérard Desrochers foi “uma deflagração de energia nuclear espiritual”.

Ali e assim de forma inesperada nasce o Renovamento carismático de lembrar que nas igrejas separadas fenómeno semelhante se estava também a dar bem.

Ali nasceu algo que se espalhou um pouco por toda a Igreja.

Poderíamos perguntar-nos: ter-se-ia o Espírito Santo escondido e alheado da vida da Igreja durante 20 séculos?

Sabemos que não: sabemos que Ele assistiu e assiste à Igreja de uma forma permanente; mas sabemos também que se manifestou de modo mais sensível em determinadas pessoas e grupos.

Na tradição católica, essas manifestações foram discretas e os seus autores, integrados na instituição, fundaram sobretudo ordens religiosas. A novidade do Renovamento consiste em tomar a sério a presença e acção do Espírito bem como a prática consciente dos carismas em toda a Igreja – na hierarquia como nos fiéis-leigos.

Na Igreja Católica o caminho para o “retorno ao Espírito” como alguém lhe chamou foi sendo preparado com avanços e recuos e talvez nem sempre de uma forma muito consciente e até com reacções.

Lembraria o Papa Leão XIII com as suas encíclicas *Provida Mater Caritate* e a *Divinum illud Munus* e a sua pouca aceitação. Mas na noite de 31 de Dezembro de 1900, o Papa, ao dar a meia noite, entoou o *Veni Creator*, pondo o século que começava sob a protecção do Espírito Santo.

Mas podemos considerar que é João XXIII que prepara mais directamente o caminho para esta consciência do Espírito. Na oração que compôs por ocasião da convocação do Concílio escrevia: “Digne-se o divino Espírito escutar da forma mais consoladora a oração que sobe a Ele desde as profundezas da terra... Renovai no nosso tempo os prodígios como num novo pentecostes...”

Na linguagem habitual do Renovamento, o Concílio foi enorme graça. Do Espírito Santo se fala 258 vezes nos documentos Conciliares.

Apenas um pormenor de todo conhecido: por altura da sessão de 22 de Outubro de 1963 um Cardeal opunha-se a que se falasse de carismas na Constituição sobre a Igreja sob o pretexto de que tinham cessado, pois teriam reservados à Igreja nascente e por isso não se repetiriam.

Reagiu com firmeza o Cardeal Suenens, ele que desde estudante sonhava com a revitalização da Igreja e que escolhera para lema do seu episcopado *in spiritu sanctu*. Defendeu ele que se o E. S. não viesse vivificar a vida da Igreja, as noções de Povo de Deus e do Corpo de Cristo, que o Concílio acabava de revalorizar, ficariam letra morta. Graças a ele a noção de carisma foi reintroduzida no texto conciliar que afirma que todos os dons do E.S. fazem parte do património da Igreja e são concedidos a todos os baptizados.

Certamente que atribuindo embora a origem do Renovamento Carismático ao Espírito Santo, entretanto não podemos também esquecer o contexto socio-cultural em que despontou.

Uma sociedade ferida por um demasiado racionalismo, mas com necessidade de calor humano e de sentimentos; uma sociedade com sede de sagrado que as igrejas não sabiam saciar. Como alguém escreveu o R.C. é, neste sentido, uma expressão, entre outras, do sobressalto vital de um corpo social religioso ameaçado de asfixia.

Uma sociedade que sente duramente as limitações humanas em muitos domínios e caminha tantas vezes desiludida: acreditam os homens que podiam tornar-se senhores do universo e ei-los reduzidos à impotência perante a globalização dos problemas, à espiral da pobreza e da marginalização, das injustiças e das violências, das doenças e das guerras; na tentativa de uma pretensa emancipação do homem dessacralizam o mundo e viram-se dolorosamente numa vida sem sentido; apostaram na inteligência e nas ideologias donde nada de bom lhes veio.

E eis que surgem novas ânsias de novas aspirações íntimas no ser humano: a paz, a autenticidade, a necessidade do sentimento, do sagrado... a razão do coração. E até as Igrejas, colocando-se sob o primado da razão, foram perdendo o interesse pelos sinais sobrenaturais da presença do divino no mundo. Com razão profetizou o Cura d'Ars: "Virá o dia em que os homens estarão tão cansados de ouvir falar do homem, que chorarão de alegria quando se lhes falar de Deus".

Apelava à nossa memória, para recordarmos o que o Prof. Mota Cardoso aqui mencionou sobre a nossa sociedade e as suas características actuais.

O Renovamento é uma expressão, ou se quisermos uma das respostas do Espírito Santo aos homens e às inquietações por que passam neste tempo que é o nosso. O RC não é um movimento unificado a nível mundial. Não tem um fundador, ou grupo de fundadores como todos os outros movimentos. Não tem lista de inscritos. É profundamente diverso e variado nas pessoas, grupos e actividades, independentes uns dos outros, em diferentes estádios e modos de desenvolvimento, embora unidos no essencial.

A linha comum do movimento, se assim se pudesse chamar, é o "Baptismo no Espírito Santo". Para muitos esta nova, poderosa e transformadora efusão do Espírito acontece num seminário cuidadosamente preparado que se chama "Seminário de Vida Nova no Espírito".

Poderíamos tentar resumir, em cinco pontos, o essencial no RC

1. Favorecer uma madura, contínua e pessoal conversão a Jesus Cristo, Senhor e Salvador.

2. Favorecer um decidido e pessoal acolhimento da presença e da pessoa do Espírito Santo, experimentadas conjuntamente no que se chama Baptismo no Espírito Santo, Efusão Santo ou Renovação do Espírito Santo.
3. Favorecer e receber e uso dos carismas, não só no R mas também mais amplamente na Igreja – carismas abundantes reconhecidos nos leigos, nos outros elementos da vida da Igreja é uma fonte de força para os cristãos no caminho para a santidade e no despoletar das suas missões.
4. Encorajar o trabalho de evangelização no poder do Espírito Santo: evangelização dos crentes e não crentes, evangelização da cultura e das estruturas sociais. O R pretende promover muito especialmente a participação na missão da Igreja, proclamando o Evangelho com a palavra, as obras e o testemunho.
5. Favorecer o crescimento na santidade, através das características carismáticas, com a vida da Igreja – vida sacramental e litúrgica intensa, apreço pela tradição, oração e espiritualidade católica, acolhimento permanente do Magistério e participação na pastoral local.

Os números são muito difíceis no Renovamento uma vez que não há listas: mas no ano 2000 estava presente em 238 países com cerca de 120 milhões de pessoas envolvidas. Uma grande parte reúne-se semanalmente para a oração. (mostrar quadro estatístico).

Em Portugal estima-se em 15000 as pessoas em Renovamento carismático. Na nossa Diocese, à volta de 3000 em cerca de 50 grupos que semanalmente se reúnem para a oração.

P.^E JOSÉ MAGALHÃES